

OS RIOS TURVOS

Luzilá Gonçalves Ferreira

“Do amor não vi senão breves enganões... formadores dos Rios Turvos da minha vida”.

“Um único amor amara... vinte anos, dos trinta e sete de sua vida e só preocupações, invejas, sobressaltos. Um ciúme tão grande que melhor seria não tivesse amado, mas viver sem amor ninguém pode, é doce o mal que nos causa uma mulher.”

O romance *Os Rios Turvos*, narrado em 3ª pessoa, lembra a função documental que teve a arte. Trata-se da vida do autor do poema épico *Prosopopéia*: o português Bento Teixeira, portanto uma biografia (do nosso primeiro poeta) que se mistura à ficção. O tema da obra nada é mais do que a trajetória amorosa do português Bento Teixeira com a brasileira natural do Espírito Santo, Filipa Raposa, a grande paixão de sua vida e a responsável por seu destino trágico: a própria mulher o denuncia ao tribunal do Santo Ofício, acusando-o de judeu e mau cristão e ainda instiga outras pessoas a fazerem. Vai trair o marido por várias vezes, obrigando-o a morar em lugares diferentes da Paranambuco (Pernambuco) do início da colonização.

O apetite sexual da esposa era sabido de todos. Desde adolescente tinha uma malícia natural: seduzia com seus olhos belos e verdes até os padres nos confessionários. Bento via-se obrigado a constantes mudanças: Olinda, Igarassu, nas terras do João Paes no Cabo, freguesia de Santo Antônio. Neste último lugar, havia pouquíssimos homens, mas Filipa consegue trair o marido com frei Duarte Pereira, vigário da freguesia de Santo Agostinho e único homem do lugar.

Ao chegar ao engenho de João Paes no Cabo, pensou que ia controlar a mulher, mas esta era mais esperta e dormira com padre Duarte muitas vezes (mesmo já mãe de dois filhos) sem que o marido desconfiasse.

Uma das situações mais humilhantes para Bento foi quando a esposa o traiu com um mulato, crime repugnante na época.

Bento Teixeira era filho de pais humildes e cristãos-novos. Seria, portanto, um dos filhos desgarrados de David, cuja família abandonou Portugal por conta de perseguição a judeus. Apesar da pobreza dos pais, Bento, ao chegar ao Brasil, na Vila de Salvador, na Bahia, foi ajudado pelo bispo Dom Antônio Barreiras, que lhe ensinou latim e o iniciou nas artes. Leu os gregos tais como, Ovídio, Aristóteles. Conseguiu estudar no colégio da Companhia de Jesus e fazer algumas amizades que lhe foram úteis mais tarde como testemunhas contra as pressões da Santa Inquisição.

Sem pensar que era um gesto herético, Bento traduziu, a pedido do sobrinho Antônio Teixeira, do latim para o português, o livro *DEUTERONÔMIO*, livro da Torá, que Javeh ditara a Moisés, conforme afirmava sua mãe cristã-nova. Porém esta missão caberia apenas a Igreja. Leu livro que figuravam do Index e acabou, pelos colegas, sendo denunciado ao visitador, mas não foi logo preso. Tornou-se alvo predileto da Inquisição e de alguns padres por ele criticado. Bento esteve um período no mosteiro de São Bento, para onde chega com carta de recomendação.

Ensina latim, aritmética e poesia para sobreviver. Revela-se fiel aos princípios da igreja para livrar-se da Inquisição, mas não deixa de criticá-la: “(...) almeja escravos para a lavoura,” p. 49 este seria o propósito da igreja, pensava Bento.

Embora não fosse exímio escritor (às vezes criticado pela própria Filipa), Bento fazia sonetos e trovas. Escreveu um poema épico – *PROSOPOPÉIA* – à semelhança de Camões homenageando o governo da capitania de Pernambuco, Jerônimo de Albuquerque. Seus escritos, no entanto, não tinham a espontaneidade dos versos de Filipa.

A esposa gostava de ler à noite. Ficava com o marido. Liam Gil Vicente, Salomão, Camões, Ovídio, Catulo. Para a esposa, Bento mostrava seus escritos e a ela dizia de sua dificuldade para escrever, fato que não ocorria com Filipa. Às vezes a dificuldade de Bento era usada por Filipa para xingá-lo, outras vezes ela o ajudava.

Apesar de tudo que fizera Filipa Raposa (as traições constantes que levou Bento a assassiná-la) Bento – após a morte da esposa – sentia falta dela, afinal “era uma parte dele que morria. Ele que não soubera o que era amor. Não amou o pai – homem rude, exigente; a mãe que o obrigou a ser judeu; nem mesmo aos dois filhos, cópias de Filipa, “a raposa atenuada em felinos.” Tudo seria diferente se ele não fosse um Pinto, um cristão-novo e ela não fosse uma Raposa, uma cristã-velha? Quem saberia dizer?

Quando matou Filipa, Bento confiou seus filhos a João Paes – dono das terras onde morou em Santo Agostinho. Escreve-lhe e lhe explica sobre tudo que fizera por causa da esposa.

Foge para Olinda – o mosteiro de São Bento, onde ficaria (até que a Inquisição o pegasse) escondido.

Antes de morrer, ainda agonizando ao receber o golpe de faca de Bento, Filipa pediu que o marido pegasse em uma gaveta do quarto um maço de cartas – poemas que ela escrevera (ou os amantes escreveram para ela?). Durante a fuga para Olinda, Bento os perde. Lê apenas alguns poemas, quase nada.

No mosteiro de São Bento, o poeta ganhou a inimizade de Frei Damião por desafiar o religioso nos seus argumentos espirituais e por denunciá-lo aos outros padres dizendo que o referido frei freqüentava a casa de mulheres casadas como Isabel Raposa e Ana Lins. Por tal feito compra um inimigo declarado.

Em 12 de agosto de 1595, recebeu ordem de prisão. Começam os julgamentos e Bento prepara documentos para sua defesa.

Em 22 de outubro de 1595, é mandado a Lisboa como acusado do Santo Ofício por praticar heresias, ter o sangue daqueles que mataram a Cristo.

Ao redigir os documentos, para se defender das acusações, exhibe seu conhecimento. Usa citações eruditas, textos latinos. Quando interrogado pelos inquisidores, sempre se diz inocente, mas acaba cedendo às imposições do tribunal: reconhece sua culpa. Renega e abjura de suas ações e crenças visando a liberdade que não vem e Lisboa torna-se seu grande cárcere. Em julho de 1600 morre e um ano depois a Santa Inquisição concedeu licença para que se publicasse, em Lisboa, a primeira edição de Prosopopéia.

Bento morreu pensando na sua Filipa de olhos verdes e cabelos de fogo. A Filipa adolescente que lia com ele Ovídio, Gil Vicente, os poemas de amor de Salomão: “Beije-me ele com os beijos de sua boca porque é melhor o seu amor que a própria vida. Vive sem amor! Se um deus me falasse assim, eu recusaria; tanto é doce o mal que nos causa uma mulher.” Razão da sua vida e da sua morte. E morre sorrindo como um pequeno judeu após ter feito uma oração. Morreu pensando no que poderia ter sido e não foi.

Um relato dramático para falar da vida, do amor, do desejo, da inveja, das contradições, do poder da igreja, da morte, enfim, coisas da vida de um cristão-novo do século XVI brasileiro e sua mulher uma cristã velha. Uma recriação que não esconde o aspecto social do primeiro século da formação do nosso país.